



Principais líderes do segmento evangélico se engajam na campanha pelo segundo mandato do presidente e querem dar demonstração de força no 7 de Setembro. Primeira-dama tornou-se peça fundamental na tática

Neopentecostais pregam para reeleger Bolsonaro

» VICTOR CORREIA

Às vésperas da largada para a campanha, o eleitorado evangélico — sobretudo a corrente neopentecostal — entrou com força para turbinar a estratégia de Jair Bolsonaro (PL) para tentar diminuir a distância para o petista Luiz Inácio Lula da Silva nas pesquisas. Nesta semana, o presidente recebeu reforço de líderes das maiores organizações para convocar os fiéis a participar das manifestações de 7 de Setembro. O chamado foi feito por meio de um vídeo que circula nas redes sociais, sobretudo entre os bolsonaristas.

A meta dos líderes religiosos que estão fechados com o presidente é que 20 milhões de apoiadores tomem as ruas na data. O vídeo, de pouco mais de um minuto, traz os pastores Silas Malafaia, Cláudio Duarte, Teo Hayashi, César Augusto, Estevam Hernandes, Rina, Victor Hugo, Renê Terra Nova e Lucinho convocando seus seguidores. “Todos de verde e amarelo. A nossa bandeira jamais será vermelha”, diz a narração do vídeo, em alusão a Lula e ao PT.

Comunicação

Michelle Bolsonaro também intensificou a comunicação para as evangélicas devido à perda de apoio do presidente entre elas. Nos últimos dias, a primeira-dama liderou cultos — até no Palácio do Planalto —, atacou Lula e classificou as eleições de outubro como uma “guerra do bem contra o mal”. Segundo especialistas, Bolsonaro é o único presidencialista com capacidade de dialogar com os fiéis das igrejas neopentecostais.

O presidente conta com apoio de parcela considerável dos evangélicos de um modo geral. Segundo pesquisa do Datafolha, divulgada no final de julho, Bolsonaro tem o voto de 43% dos religiosos contra 33% de Lula. Ele, porém, enfrenta dificuldade de crescer no grupo por conta das mulheres.

O mesmo levantamento mostra que o presidente tem apoio somente de 29% das evangélicas, contra 48% do público masculino. Em comparação com 2018, a adesão dentro do grupo se fragmentou.

Desde a convenção nacional do PL, Michelle vem recrudescendo o discurso e subindo o tom numa direção que muitos enxergam como perigosa. Na última terça-feira, compartilhou um vídeo no qual Lula participa de cerimônia do candomblé.

Isac Nóbrega/PR



O presidente e a primeira-dama durante um culto religioso. Michelle está se tornando um poderoso canal de contato com os evangélicos

Isac Nóbrega/PR



Duarte é um dos pastores do vídeo da convocação para o 7 de Setembro

“Isso pode, né! Eu falar de Deus, não”, publicou numa rede social, manifestação que foi considerada preconceituosa.

Ela liderou até mesmo um culto no Palácio do Planalto — que, segundo ela, durante muito

tempo “foi consagrado a demônios”. A agressividade do primeiro casal junto ao eleitorado neopentecostal os levou a participar, no último domingo, de um culto na Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, da qual

Marcos Corrêa/PR



Malafaia quer fazer do Dia da Independência uma data pró-Bolsonaro

o pastor é Guilherme de Pádua, assassino confesso da atriz Daniella Perez — cuja morte completou 30 anos no último dia 11. Uma foto da primeira-dama com a mulher do ex-ator circulou pelas redes sociais.

Voto de peso

O voto evangélico emergiu com força em 2018 e especialistas consideram que deu a vitória de Bolsonaro sobre o petista Fernando Haddad. Porém, a crise

Parque”. Disse, também, que o texto elaborado pelos juristas parece “uma jogada eleitoral desesperada” e “vale menos que papel higiênico”.

Um dos trechos da carta exorta para que “brasileiras e brasileiros fiquem alertas na defesa da democracia e do respeito ao resultado das eleições. (...) No Brasil atual, não há mais espaço para retrocessos autoritários. Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições”.

O documento lido nas arcadas da faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, ultrapassou a marca de um milhão de signatários e foi elaborada sobretudo para tentar conter



A centralidade da Michelle na campanha não soa como estratégia eleitoreira, mas como algo natural. Ela traz a construção de uma espécie de aliança: ‘você não confia nele, mas podem confiar em mim’

Jacqueline Moraes Teixeira, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos da Religião

econômica, as mortes causadas pela pandemia da covid-19 e o desmonte de políticas públicas fragmentaram o apoio ao presidente no segmento.

O efeito é sentido principalmente entre as mulheres, que são maioria (em torno de 60%) entre os evangélicos. “Grande parte desse público está nas pequenas igrejas, na maioria liderada por mulheres”, disse ao **Correio** a professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos da Religião (Iser) Jacqueline Moraes Teixeira.

Ela salienta que as pautas defendidas pelas evangélicas estão muito ligadas à saúde, educação e segurança pública. “A centralidade da Michelle na campanha não soa como estratégia eleitoreira, mas como algo natural. Ela traz a construção de uma espécie de aliança: ‘você não confia nele, mas podem confiar em mim’”, resume.

Os discursos da primeira-dama sobre “guerra do bem contra o mal” mantêm o engajamento entre os evangélicos. “É um ponto muito presente dentro da teologia pentecostal, do cristianismo sendo perseguido. Falando isso, ela mobiliza pessoas que entendem essa dinâmica da perseguição ou que sentem que isso pode acontecer. É um truque que mobiliza as pessoas, tirando a atenção de problemas que vivem”, analisa Juliano Spyer, antropólogo e fundador do Observatório Evangélico.

No Sol Nascente pelos R\$ 600

» INGRID SOARES

O presidente Jair Bolsonaro (PL) esteve, ontem, no Sol Nascente, comunidade próxima a Ceilândia e uma das regiões mais pobres de Brasília. A visita foi por conta da gravação de um vídeo para a campanha eleitoral no qual enfatiza a concessão e o aumento do Auxílio Brasil de R\$ 600 para as famílias mais necessitadas — que começou a ser pago no começo desta semana. Dali, seguiu até a BR-070 para comer um pastel e tomar um caldo de cana, quando também tirou foto com apoiadores.

Em conversa com jornalistas,

Bolsonaro mostrou que ainda estava bem irritado e voltou a criticar a *Carta às Brasileiras e aos Brasileiros em defesa do Estado Democrático de Direito*, lida na última quinta-feira em solenidade na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Ele questionou se os signatários estão “preocupados com sua popularidade”, se tinha “alguém pregando golpe” e reforçou a acusação de que o documento tem viés político.

“Um movimento de poucos artistas que não recebem mais Lei Rouanet, de alguns sindicalistas que não têm mais o imposto sindical. Carta pela democracia? Alguém está fazendo um ato antidemocrático

no Brasil? Alguém está desrespeitando a Constituição brasileira? Alguém está pregando golpe no Brasil? Alguém está pregando golpe aqui? Isso é política”, disse.

Bolsonaro aproveitou para desafiar os apoiadores da carta. “Tem que atacar o meu governo e tem que atacar onde eu estou errando. O que eu estou fazendo que é contrário à democracia? É por aí? O que eu estou fazendo? Nada! Estão preocupados com minha popularidade?”, questionou.

Micareta

A reação do presidente seguiu-se a uma sequência de

ataques ao documento que fez pelo Twitter — chegou a comparar o evento de leitura da carta a uma “micareta do PT”. “Acredito que a ‘carta pela democracia’, que foi lida na micareta do PT, teve algumas de suas páginas rasgadas, principalmente nas partes em que deveriam repudiar o apoio, inclusive financeiro, a ditaduras como Cuba, Nicarágua e Venezuela, bem como o controle da mídia/internet”, cobrou.

Ele ainda ironizou o documento, destacando que “assinar uma carta pela democracia enquanto apoia regimes que a desprezam e atacam os seus pilares tem a mesma relevância que uma carta contra as drogas assinada pelo Zé Pequeno, ou um manifesto em defesa das mulheres assinado pelo Maniáco do

os ataques que Bolsonaro vem fazendo ao sistema eleitoral — dando a entender que poderia haver uma suspensão do estado democrático de direito caso o presidente não conquiste a reeleição em outubro.

Desde que assumiu a Presidência, Bolsonaro vem atacando reiteradamente a votação por meio das urnas eletrônicas — que insiste serem vulneráveis, embora jamais tenha havido sequer um caso de fraude desde que foram adotadas, em 1996 — e insistindo numa campanha para desacreditar o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Chegou a dizer que os pleitos são decididos numa “sala secreta” na corte e que “duas ou três pessoas” decretam quem é o vencedor. (Colaborou Fabio Grecchi)